



CONSTRUINDO IDENTIDADES A PARTIR DA MARGEM: SOMOS MUITAS!

BUILDING IDENTITIES THE MARGIN FROM: WE ARE A LOT!

Luciane Rocha Ferreira¹

Roberta Soares da Rosa²

Resumo

Nosso trabalho traz o relato uma experiência que nasce do diálogo entre o Movimento Social da EcoSol no Município de São Leopoldo/RS com um projeto Municipal de Ações Integradas de Economia Solidária e Desenvolvimento Humano. A presente pesquisa trabalhou com dez turmas compostas, em sua maioria, por mulheres. O foco dos encontros semanais com as educadoras e autoras deste artigo foi “Formação humana e Economia Solidária. É deste lugar que falamos, de uma experiência embrionária de Política Pública nascida da luta de um MS que tem em sua base a Solidariedade, a Cooperação, a Autogestão e a Viabilidade Econômica. A auto-organização das mulheres é para o MS da EcoSol uma das estratégias no processo de aprendizagem colaborativa. Neste momento é possível a abertura para a construção coletiva das subjetividades; percebendo que não somos somente donas de casa, esposas, mães. Somos mulheres construindo identidades desde a periferia do mundo!

Palavras-chave: Economia Solidária. Políticas Públicas. Auto-organização das mulheres.

Abstract

Our work brings the story an experience born of dialogue between the Social Movement ECOSOL in São Leopoldo / RS with a Municipal Project Integrated Actions of Solidarity and Human Development Economics. This research worked with ten classes comprised mostly by women. The focus of weekly meetings with educators and authors of this article was "human formation and Solidarity Economy. It is from this place that we speak, a born embryonic experience of Public Policy of the struggle of an MS that has at its base Solidarity, Cooperation, the self-management and economic feasibility. The auto-organização women is

¹ Doutoranda em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) – Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) – Bolsista Capes/PROEX. Grupo de Pesquisa Mediações Pedagógicas e Cidadania da Linha de Pesquisa Educação, Desenvolvimento e Tecnologias - Orientador Telmo Adams. Mestra em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Graduada em Pedagogia pela mesma Universidade. Militante do Movimento Social da Economia Solidária no MT.

² Mestra em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Graduada em Biologia pela mesma universidade; Educadora Popular em espaços de educação não-escolar na área de Defesa dos direitos da Criança e Adolescentes e do Movimento Social da Economia Solidária.

for MS ECOSOL one of the strategies in collaborative learning process. At this time the opening is possible for the collective construction of subjectivities; realizing that we are not only housewives, wives, mothers. We are women building identities from the periphery of the world!

Keywords: Solidarity economy. Public policy. Auto women's organization.

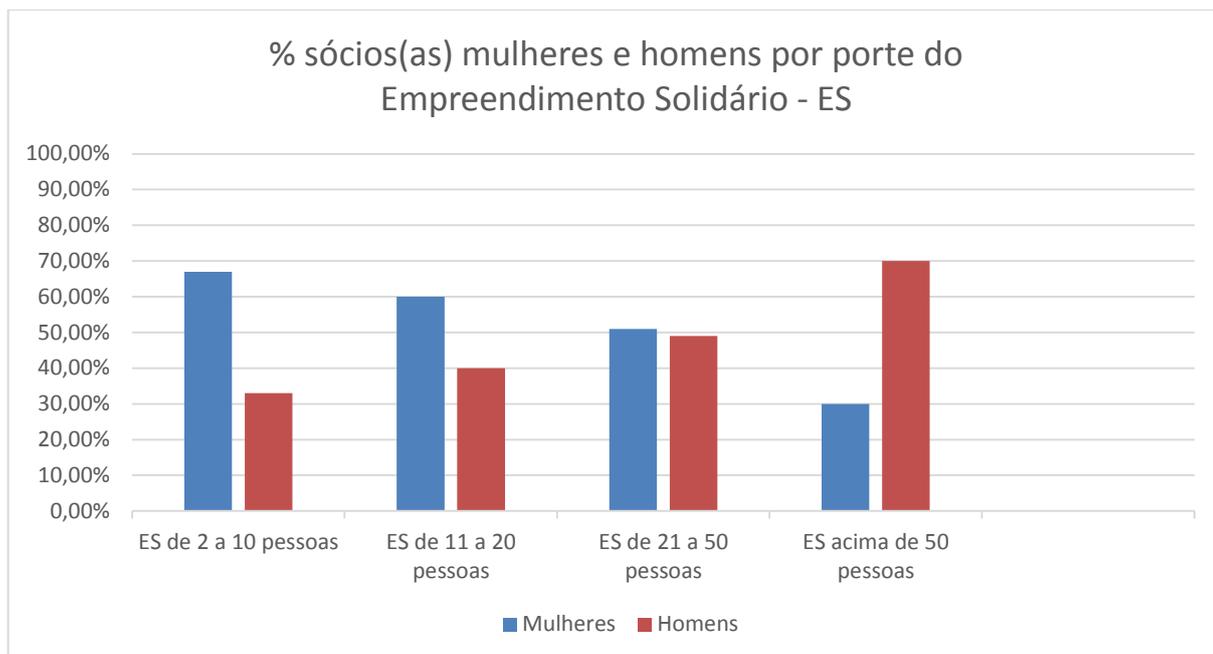
Considerações Iniciais

A ajuda mútua e a solidariedade são características que encontramos facilmente em comunidades rurais e muitas vezes nas periferias de centros urbanos, hortas comunitárias, ateliês de costura, mutirões habitacionais, mães que revezam os cuidados com as crianças, entre outros tipos de iniciativas baseadas na união e na coletividade. Estas experiências vêm se multiplicando desde as últimas décadas do século XX devido a mudanças estruturais de ordem social e política que fragilizaram o modelo capitalista tradicional. Entre os desafios que permeiam tais iniciativas está o objetivo pelo trabalho associado autogestionário e a melhoria das condições de vida dos indivíduos e suas famílias, e não o capital. São raízes do que chamamos hoje de Economia Solidária - EcoSol.

Segundo Telmo Adams³ a Economia Solidária procura se diferenciar da economia de mercado, pois, diferente da economia capitalista a Ecosol busca contribuir para o desenvolvimento das capacidades humanas através da gestão coletiva das atividades econômicas e a partilha dos resultados do trabalho.

Conforme o II Mapeamento da EcoSol da Região Sul (2013), os Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) da região sul tinham 412.658 sócios, 67% homens e 31% mulheres. Um fato que chama atenção é que as mulheres predominam em EES de menor porte, com menos de 50 pessoas, nesses empreendimentos de maior porte predominam os homens, uma das justificativas para esse domínio masculino é que dentre esses empreendimentos de grande porte encontramos as empresas recuperadas após falência decretada, através da auto-organização dos trabalhadores (as) para manter seus postos de trabalho e a garantia de seus direitos, muitas dessas empresas são do ramo da metalurgia que ainda é composto predominantemente por homens.

³ ADAMS, Telmo. *Educação e economia popular solidária: mediações pedagógicas do trabalho associado*. Aparecida: Ideias & letras, 2010. p. 67.



Nosso trabalho traz uma experiência de luta por vida melhor através de uma experiência que nasce do diálogo entre o Movimento Social (MS) da EcoSol no Município de São Leopoldo/RS com um projeto Municipal de Ações Integradas de Economia Solidária e Desenvolvimento Humano. Sendo este executado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Tecnológico (SEDETEC) em parceria com o Fórum Municipal de Economia Solidária de São Leopoldo, sendo o projeto financiado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES (2014-2016).

O projeto municipal está sendo desenvolvido nas regiões Norte, Nordeste e Oeste, onde são desenvolvidos cursos de qualificação profissional com duração de 160 horas técnicas e 40 horas teóricas cada curso, nas áreas da Gastronomia, Artesanato, Customização de Roupas e Acessórios, Camisetas Temáticas, Bijuterias, Acolchoados e Almofadas Manuais e, Churrasqueiro. Sendo a meta do projeto atingir 740 pessoas, formar 09 Grupos Produtivos, além de oferecer assessoria aos que já existem. A meta é consolidar 21 EES – entre novos e existentes.

A presente pesquisa trabalhou com dez turmas dos cursos de Gastronomia, Artesanato, Customização de Roupas e Acessórios, Camisetas Temáticas, Bijuterias, Acolchoados e Almofadas Manuais. Os cursos técnicos são oferecidos pelo SENAC. As turmas tinham em média de 14 a 20 pessoas, em sua maioria mulheres, e o foco dos encontros semanais com as educadoras e autoras deste artigo foi “Formação humana e Economia Solidária. É deste lugar que falamos, de uma experiência embrionária de Política Pública

nascida da luta de um MS que tem em sua base a Solidariedade, a Cooperação, a Autogestão e a Viabilidade Econômica.

Nossos objetivos são:

- Compreender os sentidos atribuídos ao processo de formação vivido pelas pessoas que participam da experiência – Relação das histórias de vida, com o projeto de vida: há relação com o MSP da EcoSol? Em que medida fortalece identidades individuais e coletivas?
- Trabalhar a questão de gênero relacionada a partir das histórias de vida entrelaçadas com o projeto de vida e sua relação com o MSP;
- Verificar como se dá na execução do projeto a proposta de gestão compartilhada de uma Política Pública com o Movimento Social organizado – limites e possibilidades entre os discursos e práticas;

Nosso jeito de caminhar...

Nossas estratégias básicas foram:

- Roda de Conversa – diálogo como estratégia política e pedagógica – rompendo os muros do silêncio;
- Trocas de experiências – Histórias de Vida que ensinam;
- Sistematização das Experiências - Aprendizagens registradas diariamente por cada participante.
- Relatórios das Atividades e Caderno de Campo.
- Avaliação Coletiva processual – como nos percebemos?
- Cartas Pedagógicas – construção subjetiva das aprendizagens, com base nas vivências e na sistematização feita no decorrer do processo.

Neste momento compartilharemos como as pessoas envolvidas neste cenário estão sentido sua participação; fizemos isso fundamentalmente a partir da escuta de suas expectativas iniciais; sendo que a história de vida foi um elemento fundamental, pois ela se articula com as expectativas. Depois verificaremos se estas foram ou não atendidas ao final do percurso através da escrita individual da Carta Pedagógica - ferramenta pedagógica utilizada pela professora Isabela Camini:

Mesmo parecendo ousado, nos permitimos dizer a todos/as educadores/as populares que adotarem a prática de escrever CP como princípio: podem anunciar-

se herdeiros/as de uma tradição que vem de longe, e que tende a se consolidar. Todavia, aos herdeiros de algum *bem material* ou *social*, cabe-lhes uma tarefa, uma responsabilidade, isto é, de cuidá-lo, de continua-lo e, acima de tudo, de fazê-lo dar frutos.⁴

Nesta perspectiva, buscamos colocar @s participantes a pensar no seu próprio processo de aprendizagem. Pensar criticamente: quem são estas mulheres e homens? Qual a compreensão delas sobre a natureza do projeto que estão fazendo parte e como estão se organizando para fazer parte disso? O que as motivaram a fazer parte? O que a discussão de gênero pode colaborar neste processo? São estas algumas das questões que nos **sulearam**⁵ para compreensão do fenômeno educativo que tal experiência pode suscitar.

Nosso jeito de caminhar tem por base o processo qualitativo da Pesquisa Participante. Partimos de uma leitura fenomenológica existencial de acordo com Maurice Merleau-Ponty⁶ e Rezende⁷; o diálogo com a Educação Popular a partir de Paulo Freire⁸ e temos na Sistematização das Experiências conforme Oscar Jara⁹ a base de nossos dados de pesquisa. Em relação a discussão de gênero dialogaremos com Vandana Shiva¹⁰ a partir de seu texto “Deixem-nos sobreviver: mulheres, ecologia e desenvolvimento”, com a problematização do fazer ciência a partir da lógica moderna, um fazer:

[...] conscientemente sexista, ativamente patriarcal... A ciência como uma aventura para o macho, baseada na sujeição da natureza feminina e do sexo feminino, proporcionou o sustentáculo para a polarização dos sexos... Ciência e masculinidade estavam associadas a dominação sobre a natureza e sobre tudo aquilo que desse a impressão de ser feminino”¹¹

É com base nesta compreensão que tomamos por base nossas leituras a fenomenologia, que entendemos ser mais que uma forma de aproximação ao campo pesquisado ou como uma simples técnica de trabalho, é importante compreendê-la como

⁴ CAMINI, Isabela. *Cartas Pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam*. 2012. p. 08.

⁵ O termo “sulear” tem sido utilizado, de modo explícito, por Freire no livro *Pedagogia da Esperança* (1994, p. 218-219) [...] Como contraponto ao “nortear”, cujo significado é a dependência do Sul em relação ao Norte, “sulear” significa o processo de autonomização desde o Sul, pelo protagonismo dos colonizados, na luta pela emancipação. STRECK, Danilo R. (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 396.

⁶ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

⁷ REZENDE, Antonio Muniz. *Concepção Fenomenológica da Educação*. São Paulo: Cortez, 1990.

⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

⁹ JARA, Oscar. *Para sistematizar experiências*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006.

¹⁰ SHIVA, Vandana. *Deixem-nos sobreviver: mulheres, ecologia e desenvolvimento*. In: RUETHER, Rosemary Radford (Org.). *Mulheres curando a terra: Mulheres do Terceiro Mundo na ecologia, no feminismo e na religião*. São Paulo: Paulinas (Coleção: Mulher ontem e hoje), 2000.

¹¹ SHIVA, 2000, p. 114.

uma base teórica que pretende acolher a pluralidade de possibilidades que os fenômenos sociais e culturais trazem consigo, inclusive sua complexidade:

A Fenomenologia tem este nome porque pretende ser uma filosofia do fenômeno. Historicamente, isto significa uma tomada de posição ante outras correntes filosóficas que a precederam, em especial o criticismo e o empirismo. Essas filosofias introduziram uma dicotomia entre o sujeito e o objeto, entre o homem e o mundo, o criticismo privilegiando a esfera do sujeito, o empirismo a do objeto. A pretensão da Fenomenologia é a de não separar esses dois polos, mas reuni-los de maneira indissociável, na estrutura da experiência intencional.¹²

Nesta experiência do Projeto de Ações Integradas há a necessidade de articular vários saberes – do mundo da academia e do mundo das pessoas que ali estão - para poder ter uma compreensão ampla dos sentidos que as pessoas atribuem ao processo vivido. Sendo a existência dada a base desta construção, a história de vida está inexoravelmente ligada a este processo – elas ensinam:

Os relatos de história de vida permitem confirmar uma constatação importante para legitimar a importância das práticas de explicitação e de desenvolvimento de projetos de formação: o caráter extremamente heterogêneo das motivações, necessidades e desejos que dinamizam o investimento de estudantes adultos e profissionais em formação contínua.¹³

As motivações destas pessoas fazem parte de um repertório, por vezes, de ausências objetivas e subjetivas. Como forma de acompanhar este processo e ter condições de acolher o que estas mulheres e homens têm para ensinar será utilizada a Sistematização das Experiências, pois:

Sistematizar permite, assim, diferenciar os elementos constantes dos ocasionais; os que ficaram sem continuidade no trajeto, os que incidiram em novas pistas e linhas de trabalho, os que expressam vazios que apareceram muitas vezes. Assim, permite determinar os momentos de aparecimento, de consolidação, de desenvolvimento, de ruptura, etc., dentro do processo e como os diferentes fatores comportaram-se em cada um deles. Nesse sentido, a sistematização possibilita entender a lógica das relações e contradições entre os diferentes elementos, localizando coerências e incoerências: por exemplo, entre a dinâmica do processo particular que realizamos e os desafios que a dinâmica social geral havia colocado para nossas práticas.¹⁴

O conjunto de elementos teóricos e metodológicos que pensamos em utilizar nesta trajetória são coerentes em sua essência polissêmica; nos interessa como vivência

¹² REZENDE, 1990, p. 34.

¹³ JOSSO, Marie-Christine. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 27.

¹⁴ JARA, 2006, p: 30.

pesquisante poder, na medida do possível, compartilhar saberes distintos, buscando em articulação com os atores envolvidos (Agentes Comunitários de Desenvolvimento Local, Prefeitura, Fórum, Alun@s, Pesquisadoras, parceir@s) desconstruir e construir conceitos cristalizados. Superar uma situação econômica fragilizada requer antes de tudo superar nossa situação sociocultural debilitada por um processo histórico assistencialista e patriarcal. Pelo fato de nossa visão nunca ser total, mas parcial, uma construção coletiva de sentidos e significados possui em si o desafio de articular vários olhares que, em um processo de educação/formação como este, podem convergir ou não. Com isso queremos dizer que “Não somos apenas no espaço (somos e não estamos somente nele). Somos um mundo. O ser humano é um mundo interior de subjetividade infinita (emoções, amor, afeto, raiva)”.¹⁵ E são estas construções que aferem ao processo em curso o desafio de uma *outra* forma de construir conhecimentos e estabelecer relação em sociedade. Situação que exige rever conceitos e práticas; e também perceber quem somos e o que queremos.

Quem somos?

É importante neste momento dizer um pouco sobre o perfil destas pessoas, inclusive para compreensão entre as motivações e expectativas iniciais com relação ao projeto de vida de cada uma. Sua relação com o MS ou não. O lugar de onde falam tem relação direta com o alcance tanto dos objetivos pessoais ali investidos quanto institucionais – na medida do possível é desta interconexão a possibilidade de sucesso da proposta de inclusão produtiva.

Como foi um projeto municipal construído em parceria entre governo municipal e MS a partir do Fórum Municipal de Economia Solidária local, os critérios utilizados para ingresso perpassaram o público-alvo direto. Ou seja, para além das pessoas inscritas nos Programas Federais do Bolsa Família e/ou oriundos de cursos do PRONATEC, o Fórum também pode indicar pessoas integrantes de Grupos já existentes e outras que não fazem parte destes grupos mas que manifestaram interesse pela proposta.

A possibilidade de fortalecer os Grupos de EcoSol com esta formação foi uma dimensão em destaque para os coletivos organizados em São Leopoldo. O MS ainda não possui estrutura adequada para formação continuada de seus coletivos. Há todo um

¹⁵ MERLEAU-PONTY, 1994, p. 205.

trabalho desenvolvido pelo Fórum Municipal de Economia Solidária de São Leopoldo, e também do Fórum Gaúcho (âmbito regional); que é realizado a partir de parcerias com Entidades de Apoio e Fomento (EAF). No caso do município em estudo a parceria mais efetiva é com a UNISINOS – Departamento da Incubadora Social, que sede espaço para as reuniões mensais do Fórum e contribui com o auxílio técnico (é liberada uma Bolsista) para acompanhar as reuniões e algumas formações.

Neste sentido, o Projeto Ações Integradas subsidia a formação humana e trabalha conceitos e práticas da EcoSol além de proporcionar qualificação técnica dos Grupos, inclusive com a proposta de incremento de infraestrutura, fornecendo ao final do processo equipamentos necessários para melhorar a produção dos EES. Estas pessoas fazem parte do público-alvo do projeto, inclusive algumas destas compõem o Conselho Gestor (CG) do Projeto, atuando junto com a Prefeitura (SEDETEC) na execução colegiada.

Tivemos duas turmas que eram compostas por 80% de pessoas que eram integrantes dos EES – uma de Gastronomia e a outra de Artesanato. Os demais 20% eram pessoas da comunidade local que desconheciam o tema da EcoSol. Mesmo sendo apresentada no ato da inscrição pelos Agentes de Desenvolvimento da Prefeitura a natureza da proposta, a maioria das pessoas entendiam que era um curso do SENAC, sem entender o que EcoSol poderia ser, e por isso ficou em 2º plano.

Em outras 03 turmas não havia nenhuma pessoa integrante de EES, mas em uma destas havia uma pessoa que já tinha feito parte de um EES (Almofadas e Acolchoados), portanto, conhecia o MS. Nas 03 últimas havia aproximadamente 10% de pessoas que faziam parte de EES ou conheciam o MS, sendo que a maioria nunca haviam ouvido falar. Isso nos deu um universo diversificado em relação ao perfil das pessoas que fizeram parte do primeiro ano de projeto. Trabalhar os temas sugeridos pelo projeto com um público tão diversificado foi um desafio.

Em relação a questão de gênero, 95% dos cursos a presença foi prioritariamente de mulheres (Artesanato, Acolchoados e Almofadas Manuais, Bijuterias) sendo que os 10% restante estiveram dispersos entre um e três homens (Gastronomia, Customização de Roupas e Acessórios, Camisetas Temáticas). Em números absolutos, considerando @s que finalizaram o curso de Formação Humana e EcoSol (começava-se com turmas de 20 alun@s, mas terminavam com cerca de 12 à 18 pessoas) somaram até o momento 141 mulheres e 06

homens. A faixa etária circulou entre as mulheres de 19 à 70 anos, sendo mais volumosa a presença de mulheres entre as idades de 35 à 45 anos; e os homens de 45 à 50 anos.

A maioria das mulheres compartilharam que convivem em união estável (não só casamento de “papel passado”), contudo também há as que se apresentaram como mães chefe de família (produção independente ou separadas). O momento inicial de nos percebermos como mulheres em situação de desemprego, ou de dependência social e/ou cultural, os relatos abertos colocaram pessoas que nunca haviam se visto em situação de proximidade. Uma cumplicidade que abre as portas e as janelas dos corações e da confiança mútua. A ideia de que “somos muitas” nasce neste contexto.

O exercício proposto foi aprender quem somos ouvindo e falando sobre: “Quem é você, quem sou eu, quem somos nós?”. Articulado estas dimensões com as expectativas iniciais. Este exercício foi promovido em cada turma, e recebido de forma distinta em cada realidade. Nas 10 turmas podemos dizer que houve adesão à proposta, contudo a abertura para este “expor-se” nem sempre foi semelhante.

A primeira barreira que se apresentou e que foi preciso em conjunto ser superada para que houvesse a abertura necessária para a construção das reciprocidades foi a visão que elas tinham a respeito do processo de educação. A tradição de teoria e prática serem processos descolados, ou seja, que acontecem de forma dicotômica conforme vivenciaram em suas trajetórias escolares, estava marcado em seus corpos e mentes. A própria estrutura organizacional da sala foi uma dimensão em destaque – sair das fileiras para a roda: entender a leitura filosófica por traz desta organização foi o primeiro momento de quebra de paradigma:

[...] a corrente dominante da ciência moderna, o reducionismo ou o paradigma mecânico, é uma resposta particular a um determinado grupo de pessoas. Este é um projeto específico do homem ocidental que veio se desenvolvendo ao longo dos séculos XV à XVII e que foi aclamado como Revolução Científica [...] um projeto patriarcal e masculino que necessariamente engloba a submissão da natureza e das mulheres.¹⁶

Esta construção ideológica marcou não só a tradição eurocêntrica da produção científica de conhecimento, mas também foi referência de mundo na relação com a própria vida. Construindo muros e regras que distanciaram definitivamente o fazer do cotidiano comum, onde o trânsito do feminino sempre foi ativo, porém neste cenário considerado

¹⁶ SHIVA, 2000. p. 111.

improdutivo. A tradição escolar e todo o universo científico foi construído nesta perspectiva, o que explica a necessidade de trabalhar com grupos como os nossos o desvelar filosófico por traz da tradição dada não só na escola, como também na família e em outras instituições tradicionais (Igreja, Estado, Religião...).

Este está sendo um exercício interessante. Principalmente quando trazem de exemplo não só suas trajetórias de infância e juventude, mas de como estão aprendendo a educar suas filhas e filhos neste “mundo moderno” (algumas trazem esta fala para se referir ao tempo de hoje, com o avanço tecnológico e midiático). No processo de falar e ouvir se percebem mediadas por uma realidade que elas também são (re)produtoras ao mesmo tempo em que são (re)produzidas. Falar é uma das primeiras barreiras que conseguem superar – um silêncio que dá lugar à *denúncia* abrindo para possíveis *anúncios*.

A segunda parte deste “laboratório” de aprender “quem somos” foi aprender a confiar uma na outra. A trajetória de vida delas as deixou marcas profundas. A vida foi muito dura para algumas delas. Os relatos estavam carregados de histórias marcantes:

“Por mais de uma vez tentei me matar...” (“S” – Gastronomia/2015-2); “Sou uma pessoa que está se encontrando, pois faço tratamento pra bipolar, sofro de depressão, o que me faz uma pessoa triste... Espero aqui poder me encontrar fazendo o que gosto” (“D” – Customização/2015-2); “Venho participar escondido do meu marido...” (“C” – Customização/2015-2); “Ouvi a vida toda que eu era incapaz... Quero aprender para mostrar que eu sou capaz de fazer coisas que nunca achei que era importante. Não para mim, mas para os outros” (se refere ao direito ao estudo, aos bens culturais, ao trabalho humanizado) (“I” – Almofadas/2015-1).

Entre os relatos feitos nas Rodas de Conversa a emoção tomou conta de cada participante. Uma via na outra marcas que traduziam sua própria trajetória de vida. Os laços de reciprocidade estavam sendo tecidos a partir da percepção mútua de que as lutas diárias, estas que as tiraram da possibilidade concreta de busca por uma vida melhor, eram semelhantes. A relação de gênero, neste espaço, foi elemento amplamente discutido se colocando como tema central para enfrentamentos pessoais e coletivos, com vistas a problematização e superação da situação de opressão que muitas já viveram ou ainda vivem. Pelo ponto de vista do MS, fazer do espaço de formação em EcoSol – neste caso nomeado de Relações Humanas – um lugar de construção de pertencimentos se torna a base para as aprendizagens significativas que subsidiem a transformação engajada da sociedade. Retoma uma questão básica: que para se tornar um EES antes é preciso se tornar uma pessoa consciente, no caso da mulher esta conscientização precisa ser mais ampla. Exige um

movimento de perceber-se com seus limites e possibilidades, (...) “*aprender com as outras pessoas sobre nossos próprios conflitos, questionamentos, posicionamentos para tentar ser uma pessoa mais feliz em casa e na sociedade*” (“J” – Customização/2015-2).

Neste percurso estamos percebendo que *somos* aquilo que conseguimos *ser*. *Somos* o que nos permitiram *ser*, mas queremos *ser mais*. O ato de coragem da fala/palavra engajada, da reflexão coletiva, da busca de si na outra, da valorização de si naquilo que lhe é próprio, dos sonhos que resistem à realidade de opressão, são elementos que marcam uma *outra* relação consigo mesma. São evidências concretas de que a proposta da EcoSol é um inédito-viável possível a partir da margem, da periferia do mundo, onde a vida (a mulher) aposta na humanização das existências. |

Considerações Finais

| O Que Queremos...?

Como dissemos no início do diálogo, o perfil de noss@s cursistas é bem diversificado. Há pessoas do MS da EcoSol que estão no Fórum, há pessoas que já fizeram parte do MS, mas que já estão fora (querendo voltar); há pessoas que nunca ouviram falar e, entre estas, no transcorrer do curso desejam fazer parte, outr@s não. O perfil em certa medida define as expectativas e interesses.

Entre as pessoas que fazem parte do MS havia o desejo de aprofundar sobre temáticas específicas, entre estas algumas que não estavam presentes no conjunto do material didático organizado pelo coletivo da Prefeitura (apostila). Entre as temáticas apontadas como ausentes estavam as Finanças Solidárias: Feira de Trocas, Moedas Sociais, Fundos Solidários... Como havia entre estes algumas pessoas que não faziam parte do universo simbólico e/ou prático da EcoSol, as discussões foram bem interativas, associando o saber prático da vivência dos EES com a teoria dos temas propostos pela Matriz Curricular do curso:

Conteúdo:- Realidade Social, Empreendedorismo, Autogestão e Economia Solidária; - Relações Interpessoais – comunicação; - Identidade socioeconômica cultural dos empreendedores solidários de São Leopoldo; - O mercado de trabalho e o sentido do trabalho na Economia Solidária; - A Economia Solidária: história de seu desenvolvimento e sua relação com a história de organização dos trabalhadores; - Empreendedorismo; - Autogestão e Economia Solidária; - Economia Solidária e Desenvolvimento Local; - A psicologia nas relações humanas; - O ser individual e o ser coletivo; - Humanização das relações entre as pessoas; - Liderança (o que é ser um líder, os diferentes perfis de lideranças...); - Dinâmicas para trabalhar a

integração nos grupos; - As diferentes formas de comunicação, os entraves à comunicação humana, etc.¹⁷

Para além destes conteúdos, foi possível trazer alguns temas demandados pelos coletivos, como foi o caso da Feira de Trocas. Fizemos um exercício bem interessante para vivenciar esta prática e entender um pouco a filosofia desta forma de perceber o consumo consciente. Entre @s alun@s havia uma integrante de um grupo de troca, que também faz parte do Fórum de EcoSol. A aprendizagem colaborativa nesta oportunidade foi fundamental.

Mesmo pessoas que já fazem parte do MS manifestaram nas “Cartas Pedagógicas” a importância do estudo teórico da EcoSol: “Pra mim é muito importante porque eu já faço parte da “Solidária” e muitas coisas eu não entendia e não sabia... Aprendi e entendi muitas coisas que eu não aprendi em 09 anos que faço parte da “economia”” (A.R – Artesanato/2015-1).

As pessoas que não conheciam o MS da EcoSol e tiveram o primeiro contato com a ideia/conceito foi importante nossa experiência prévia com a dinâmica deste fenômeno. Trabalhar com os princípios da EcoSol sem ter uma vivência próxima pode dar a impressão de uma ação meramente teórica, utópica do tipo convencional (sem sua leitura crítica, de possibilidade, de um *vir a ser* conforme Paulo Freire/1987). É importante trazê-los aqui de forma sintética para que compreendam a complexidade dos mesmos:

Autogestão: Os trabalhadores não estão mais subordinados a um patrão. Eles tomam suas próprias decisões de forma coletiva e participativa. **Democracia:** A Economia Solidária age como uma força de transformação estrutural das relações econômicas, democratizando-as, pois o trabalho não fica mais subordinado ao capital. **Cooperação em vez de forçar a competição:** Convida-se o trabalhador a se unir a trabalhador, empresa a empresa, país a país, acabando com a "guerra sem tréguas" em que todos são inimigos de todos e ganha quem seja mais forte, mais rico e, frequentemente, mais trapaceiro e corruptor ou corrupto. **Centralidade do ser humano:** As pessoas são o mais importante, não o lucro. A finalidade maior da atividade econômica é garantir satisfação plena das necessidades de todos e de todas. **Valorização da diversidade:** Reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino e a valorização da diversidade, sem discriminação de crença, cor ou opção sexual. **Emancipação:** A economia solidária emancipa, liberta. **Valorização do saber local, da cultura do saber local e da tecnologia popular:** na Economia Solidária o conhecimento não é monopolizado. Os saberes estão a serviço das comunidades. **Valorização da aprendizagem e da formação permanentes:** espaço que busca contribuir através da formação permanente dos empreendedores. **Justiça social:** na produção, comercialização, consumo, financiamento e desenvolvimento tecnológico, com vistas à promoção do bem viver das coletividades e da justa distribuição da riqueza socialmente produzida,

¹⁷ PROJETO AÇÕES INTEGRADAS, 2013, p.12.

eliminando as desigualdades materiais e difundindo os valores da solidariedade humana. **Cuidado com o meio ambiente e responsabilidade com as gerações futuras:** Os empreendimentos solidários, além de se preocuparem com que a eficiência econômica e os benefícios materiais que produzem, buscam eficiência social, estabelecendo uma relação harmoniosa com a natureza em função com a qualidade de vida, da felicidade, das coletividades e do equilíbrio dos ecossistemas. O desenvolvimento ecologicamente sustentável socialmente justo e economicamente dinâmico, estimula a criação entre os elos do que produzem, os que financiam a produção, os que comercializam os produtos e os que consomem (cadeias produtivas solidárias locais e regionais). Dessa forma afirmam a locação local articulada com a perspectiva mais ampla, nacional ou internacional.¹⁸

Tentar vivenciar tamanha complexidade nas aulas práticas do SENAC foi um grande desafio. Sugerimos desde o princípio @s cursistas que levassem para este cotidiano alguns destes princípios, e como não conseguimos estar presentes no momento dos cursos técnicos, e também não conseguimos contato qualificado com as professoras da Instituição, não conseguimos estabelecer uma articulação satisfatória. Ainda que em algumas turmas professoras do SENAC foram sensíveis (Artesanato/2015-1; Gastronomia/2015-1 e 2) esta é uma questão que ao longo do projeto as pesquisadoras buscarão criar meios para dar superar. Isso coloca mais um desafio de projetos desta natureza que dependem do poder de articulação entre Instituições para uma atuação integrada.

Para este grupo de mulheres que não transitam no universo da EcoSol é fundamental sair da vivência solidária em âmbito teórico, resumida aos exercícios durante as aulas “teóricas” (dinâmicas, teatros, filmes, vídeos, trabalhos em grupo...) sendo necessário leva-la de forma prática na produção dos artesanatos, dos acolchoados, das camisetas e das bijuterias.

Uma estratégia do coletivo do Fórum em articulação com as educadoras/pesquisadoras foi propor à SEDETEC fazer alguns intercâmbios, levando @s cursistas à feiras de EcoSol para que tenham contato com os EES, possam fazer perguntas e vivenciar um espaço prático deste MS. Estamos aguardando essa possibilidade que seria mais que complementar, uma vez que o discurso recorrente d@s cursistas é de que a “teoria” é uma coisa e a “prática” é outra. Sabemos do que estão falando, mesmo porque é desafio permanente do coletivo deste MS a vivência de seus princípios. Isso tem correspondência direta com a cultura introjetada do individualismo e competitivismo.

¹⁸ BRASIL/SENAES. *Cartilha da Campanha Nacional de Mobilização Social*. Economia Solidária, outra Economia acontece. Ministério do Trabalho e Emprego. MTE/SENAES. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812B59B49C012B5DD948C22F07/impresso3_cartilha_32pg_web.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2015.

A sistematização feita demonstra que o “olhar” de algumas mulheres sobre as expectativas depositadas neste processo de formação foi semelhante em muitos aspectos. Entre as motivações o desejo de *aprender* é unânime. Somando-se “*o crescer como profissional; abrir o próprio negócio; desenvolver habilidades; crescimento financeiro; aprender para o mercado de trabalho*”; Mas também há interesses de ordem subjetiva como *fazer amizades*, dimensão destacada em todos os registros como um dos grandes ganhos da experiência.

A autorganização das mulheres é para o MS da EcoSol uma das estratégias no processo de aprendizagem colaborativa. Nesta trajetória foi percebida a avaliação como processo e dimensão pedagógica privilegiada diante da complexidade do ato formativo. Em pleno estar sendo, as lições aprendidas nos colocam os desafios de uma cultura hegemônica dos corpos, identidades e modos de ser.

Neste cenário, contudo, percebemos que somos muitas; e no fazer engajado pela vida, aprendemos nos ver a partir do lugar que estamos, problematizando nossas realidades em busca de avançar para melhores condições de trabalho e de vida. Neste momento é possível abertura para a construção coletiva das subjetividades; percebendo que não somos somente donas de casa, esposas, mães. Somos mulheres construindo identidades desde a periferia do mundo! |

Referências

ADAMS, Telmo. *Educação e economia popular solidária: mediações pedagógicas do trabalho associado*. Aparecida: Ideias & letras, 2010

BRASIL/SENAES. *Cartilha da Campanha Nacional de Mobilização Social*. Economia Solidária, outra Economia acontece. Ministério do Trabalho e Emprego. MTE/SENAES. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812B59B49C012B5DD948C22F07/impreso3_cartilha_32pg_web.pdf>. Acesso em: 20 de jun 2015>. Acesso em: 20 jun. 2015.

CAMINI, Isabela. *Cartas Pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam*. 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JARA, Oscar. *Para sistematizar experiências*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

REZENDE, Antonio Muniz. *Concepção Fenomenológica da Educação*. São Paulo: Cortez. 1990.

SHIVA, Vandana. Deixem-nos sobreviver: mulheres, ecologia e desenvolvimento. In: RUETHER, Rosemary Radford (Org.). *Mulheres curando a terra: Mulheres do Terceiro Mundo na ecologia, no feminismo e na religião*. São Paulo: Paulinas (Coleção: Mulher ontem e hoje), 2000.

STRECK, Danilo R. (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.